

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DOS SUL
INSTITUTO DE LETRAS

CADERNOS DO I. L.
Nº 17
JUNHO DE 1997

U F R S U

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanas

- BIDERMAN, Maria Tereza. *Dicionário contemporâneo de português*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio: Nova Fronteira, 1988.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática/Scipione, s/d.
- PRADO e SILVA, Adalberto e outros. *Melhoramentos minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- TUFANO, Douglas. *Moderno dicionário escolar*. São Paulo: Moderna, 1992.

Análise de narrativas de crianças na faixa de 8 anos

Maria Lucia Machado de Lorenci*

Este trabalho tem a intenção de avaliar o nível de desenvolvimento da competência textual em crianças na faixa etária de 8 anos.

Procedemos à análise de 10 narrativas infantis, visando a determinar o tipo de estrutura nelas presentes. Essas narrativas fazem parte do acervo de histórias gravadas a partir de entrevistas realizadas, em 1992, com crianças de escolas de Porto Alegre, por bolsistas do Projeto de Pesquisa "Desenvolvimento da linguagem da criança em fase de letramento", Coordenado pela Prof^a. Dra. Ana Maria Mattos Guimarães.

As narrativas selecionadas foram produzidas por crianças com idades que variam de 8a e 6m a 8a e 10m, e podem ser agrupadas assim:

- a) 8 a 6 m - 3 narrativas (as de n^os. 5, 6 e 9);
- b) 8 a 7 m - 2 narrativas (as de n^os. 8 e 10);
- c) 8 a 9 m - 3 narrativas (as de n^os. 1, 2 e 7);
- d) 8 a 10 m - 2 narrativas (as de n^os. 3 e 4);

Essas histórias são fruto de uma conversação real com os informantes. Como as crianças são bastante propensas a falarem das suas aventuras, elas contaram, facilmente, ao entrevistador, suas próprias experiências.

O fato de falarem sobre acontecimentos reais, já ordenados mentalmente, resultou em narrativas muito bem organizadas.

* Professora do Departamento de Línguas Modernas e mestranda do PPG-Letras

REFERENCIAL TEÓRICO

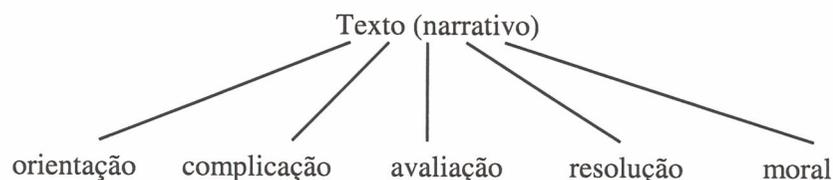
As pesquisas sobre as narrativas infantis têm proposto que é ao redor dos oito ou nove anos que aparece, no sistema cognitivo das crianças, um esquema narrativo que lhes permite analisar, tratar e estocar as informações para após recuperá-las, pela memória, sob forma de uma nova história contada. (Petitjean, 1982).

Essa posição já fora assumida por Piaget, em 1969, quando disse: "before the age of 7 or 8, children's narratives... remain purely egocentric, ie. events are linked together on the basis of personal interest and not on the real order of time..." (Piaget, 1969, p. 272 - apud Peterson & McCabe).

O esquema narrativo apoia-se na macroestrutura que, segundo T. A. Van Dijk et W. Kintsch, é empregada como índice de recuperação da história lembrada e como balizador no processo de resumo de narrativas.

J. M. Adam expõe um modelo de organização macroestrutural, a partir do proposto por Horst Isenberg, com base em narrativas orais de aventuras pessoais, realizadas por locutores caracterizados como "pouco cultos".

Esse modelo consta de cinco funções encadeadas, não hierarquizadas, tornadas interdependentes por restrições textuais e que podem ser representadas em forma de "árvore":



(in ADAM, Jean Michel. Langue Française. mai 1978)

Essa organização quinária tem, em Labov, uma interpretação triádica: "complication, actions, resolution", que ele considera como proposições obrigatórias. As proposições facultativas, que escapam à

lógica da sucessividade - orientação, avaliação, resumo, fecho - manifestam a dimensão situacional de uma narrativa.

Esse é o primeiro aspecto que focalizaremos ao analisar as narrativas escolhidas: as proposições de que se compõe a MEN (Macroestrutura Narrativa).

Procuraremos comprovar se nosso "corpus" confirma a tese de que, informantes na faixa etária de 8 a 9 anos, produzem narrativas onde estão presentes:

- 1) Uma situação inicial orientadora de circunstâncias;
- 2) Uma complicação, modificando o estado anterior;
- 3) Uma avaliação da situação;
- 4) Uma resolução que vai permitir reencontrar um estado comparável ao primeiro;
- 5) Uma moral que tira as conseqüências possíveis de toda a história para a situação atual. (W. Kintsch e T. A. Van Dijk, apud J. M. Adam).

O outro aspecto que trataremos de analisar refere-se ao nível microestrutural do texto. A criança, na posição de narrador, precisa não só conhecer a conduta que deve seguir ao contar sua história, como também precisa dispor dos meios lingüísticos que lhe permitam seguir essa conduta. É nesse nível - o lingüístico - onde se encontram os operadores de coerência textual de superfície, que compreendem, além das operações interfásicas, também os elementos paralingüísticos específicos da oralidade. (Petitjean - Pratiques, 34 - jul 1982).

Para Bachmann, (Pratiques, 17 - out. 1977) essa microestrutura se evidencia através de alguns elementos sintáticos fundamentais que compõem os enunciados básicos das narrativas e que se apresentam de maneira repetida, sob a forma de uma seqüência:

$A + B + D' + C + D + E + F$

A - Elementos conjuntivos, conjunções propriamente ditas ou advérbios;

B - Um nome ou um pronome na função de sujeito;

D' - Um referente pessoal objeto, localizado entre B e C por Transformação pronominal;

C - Um grupo verbal, onde o tempo, na maioria dos casos, é o Passado Composto;

D - Um sintagma nominal na função de objeto, que pode ser direto ou indireto;

E - Uma circunstância, incluindo ou não uma preposição;

F - Subordinadas ou completivas ou qualquer proposição originada de encaixes completos.

Esses enunciados sucedem-se no decorrer da narrativa e intervêm em "blocos". A função de cada um deles é indicar o desenvolvimento da ação, o encadeamento dos diversos acontecimentos.

Labov, após a análise das narrativas orais de jovens negros americanos, encontrou nelas, em proporção significativa, enunciados com estruturas gramaticais recorrentes. Isso permitiu concluir que, ainda que a menor discussão exija uma sintaxe variada e utilize estruturas complexas, seja qual for a condição social e cultural do locutor, a narrativa dele será um modelo de regularidade sintática (W. Labov, 1972, apud C. Bachmann).

Sobre essa série ordenada de enunciados que constituem o que se chama "esqueleto da narrativa", dois outros tipos de enunciados de estrutura sintática diferente, podem surgir. O primeiro, com a seguinte estrutura:

A + C' + B + E + F

A - Elemento conjuntivo

C' - Um apresentativo: era uma vez, havia...;

B - Grupo nominal com função de sujeito;

E - Circunstância;

F - Eventualmente proposição subordinada ou circunstancial.

E o segundo, com os elementos seguintes:

A + B + C'' + D + E + F

Este difere do primeiro principalmente em C'', pois aqui há um verbo no imperfeito e em D encontramos, com freqüência, um atributo.

Independente das diferenças estruturais, o que permite opor enunciados de forma 1 a enunciados de forma 2 ou 3 é essencialmente a função que eles assumem no interior da narrativa. Os dois últimos indicarão as especificações temporais, espaciais, sociais, individuais, etc., da ação - isso que Labov chama "orientations".

Essas estruturas aqui referidas são típicas de narrativas em língua francesa. Queremos verificar se e como elas estão representadas em narrativas em língua portuguesa.

A ANÁLISE

Duas são, portanto, as perspectivas que nortearão o trabalho de análise das 10 narrativas selecionadas:

a) A macroestrutura da narrativa (MEN) sob a perspectiva da organização quinária;

b) A microestrutura do texto, considerando os enunciados 1, 2 e 3, propostos por Bachmann.

A Macroestrutura Narrativa

A análise das 10 narrativas nos permitiu constatar a seguinte situação:

- as 10 narrativas apresentam o item 1 - orientação;
- as 10 narrativas apresentam o item 2 - complicação;
- só 07 narrativas apresentam o item 3 - avaliação;
- as 10 narrativas apresentam o item 4 - resolução;
- 08 narrativas apresentam o item 5 - moral;

Ou seja:

Macroestrutura Narrativa

Nº Narrativa	ITENS				
	1	2	3	4	5
1	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-
3	-	-	-	-	-
4	-	-	-	-	-
5	-	-	-	-	-
6	-	-	-	-	-
7	-	-	x	-	x
8	-	-	x	-	x
9	-	-	-	-	-
10	-	-	-	-	-

Conclusão

Os itens orientação, complicação e resolução estiveram presentes em todas as narrativas, o que comprova a teoria de Labov sobre a tríade obrigatória das proposições narrativas (complications, actions, resolution).

Os outros itens, avaliação e moral, são o que Labov considera proposições facultativas e realmente é o que se pode concluir após atenta análise das narrativas: a sua ausência pode ter empobrecido um pouco as histórias, porém não lhes alterou o desenvolvimento lógico, nem as privou de coerência.

A orientação ofereceu as indicações relativas ao lugar, à época e aos atores e, embora essa posição não seja obrigatória, em todas as 10 narrativas, localizou-se no início do texto.

Na complicação se encontraram as ações realizadas pelos atores, dispostas no tempo e no espaço.

Foi dentro da “complicação” que se estabeleceu a sucessividade temporal e se inseriram as ações básicas da trama narrativa. Estas se apresentaram como que encaixadas por uma relação de causa/ efeito.

Na resolução, os atores procuraram resolver o conflito subjacente à trama. Foi aí, nesse ponto, que se conclui o texto.

Os dois itens que não estiveram presentes em todas as narrativas, (não apareceram justamente nas de menor extensão) são aqueles que implicam num “juízo” sobre os acontecimentos e, às vezes, eles não estão explícitos no texto, mas podem existir extra-texto.

A MICROESTRUTURA DO TEXTO

Colocando as narrativas em Quadros Demonstrativos, segundo o esquema de enunciados, teremos o seguinte:

NARRATIVA nº 1

A	B	D'	C	D	E	F
-	Eu	-	tava andando	de carrinho de lomba	-	e machuquei o meu dedo aqui, ó.
-	-	-	tava	com meus dois amigos	-	-
Daf	eu	-	tava indo	-	-	-
-	meu outro amigo	-	veio	do meu	atrás	bateu assim, fez de ré
-	eu	-	tava	-	aqui assim	-
Daf	ele	-	veio, bateu	-	do lado	e eu fui prá o meio da rua
Aí	eu	-	machuquei	o meu dedo	-	-
Daf	-	-	saiu	sangue	-	-
-	eu	-	botei	mercúrio	-	-
-	-	-	botei	algodão	-	-
-	-	-	botei	bandaid	-	depois curou

NARRATIVA nº 2

A	B	D'	C	D	D''	E	F
Daf um dia	o meu pai	-	foi	num tipo de festinha	-	lá	-
Daf	-	-	tinha	um rio	grande, cheio de pedra	assim	-
Daf	o meu primo	-	botou	o pé com chinelo	molhado	na água	e foi dentro da festa todo molhado
-	A água	-	pegu u	nele	tri-largo	aqui bem no calção dele	que ele tava com calção tri-largo
Daf	ele	-	-	Bah, Xande, tu me ajuda a limpá, a secá	-	aí	-
Daf	eu	-	pegu ei	-	-	assim	-
-	-	-	chac oalhe i	-	-	-	-
-	-	-	pegu ei	-	-	-	-
e	-	-	torci	-	-	bastante	-
Daf	ele	-	subiu	-	-	lá	-
e	o pai dele	-	viu	-	-	-	e deu nele
Daf	eu	-	ri	-	-	um pouco	-
e	ele	-	-	“pára!	-	-	ficou brabo comigo

NARRATIVA nº 3

A	B	D'	C	D	E	F
-	Eu	-	café	um tombo de bicicleta	já, dentro de um valão	-
-	Eu	-	tava andando	-	pela rua	-
Daf	eu	-	vi	o valão	não	-
-	Eu	-	tava olhando	-	prá frente	-
-	-	-	podia olhá	-	não pra baixo	Senão caía mesmo
Daf	eu	-	vi	o valão	não, aqui do lado	-
-	Eu	me	desequilibrei	-	-	e fui eu e a bicicleta, peguei, saí
-	-	-	peguei	-	-	-
-	-	-	saí	-	-	-
-	-	-	tirei	a bicicleta	-	e fui indo de novo
Daf	-	-	tinha	uma pedra	aqui, né, no meio do caminho	-
e	eu	-	dei	um pulo	-	-
Aí	-	-	tinha	um outro	na minha frente, assim	-
Aqui	eu	-	dei	um pulo	né	-
-	-	-	tinha	uma mulher	na minha frente	o que ela fez?
-	Ela	-	ficou	-	no meio	em vez de saí
-	Eu	-	tava	-	aqui, ó	-
-	Ela	-	vinha	-	assim	em vez dela saí
-	eu	-	-	-	por cima dela	-

NARRATIVA nº 4

A	C'	B	D'	C	D	E	F
-	Era uma vez	Eu	-	tava	-	-	-
-	-	O Paulinho	-	saiu	-	de casa	para andar de bicicleta
-	-	a gente	-	-	-	-	-
Aí	-	O Paulinho	-	foi	-	na lombada	-
Quando	-	ele	-	voltou	-	-	-
Quase	-	ele	-	foi	por um carro	também de casa	-
Daf,	-	eu	-	atropelado	-	-	-
outro dia	-	eu	-	saí	-	-	-
aí	-	eu	-	tava indo	-	na rua lá de baixo	-
aí	-	nós	-	tava	-	-	-
Também, quase	-	-	-	voltando	por um carro	-	-
				fui atropelado			

NARRATIVA nº 5

A	B	D'	C	D	E	F
Mas um dia mas	eu	-	tava brincando	-	-	-
e	o meu amigo	-	tava correndo	-	-	-
Daf	eu	-	fui	do meu irmão	atrás	e tinha um caco de vidro
e	eu	-	pisei	naquele caco de vidro	-	-
e daí	o meu amigo ali da frente	-	abri	o meu pé	-	e o buraco foi fundo
E daí	ele	me	levou	Luís	-	-
				prá o Pronto Socorro	-	-

NARRATIVA nº 6

A	B	D'	C	D	E	F
Um dia	eu	-	finji	prá minha mãe	-	que eu tava dormindo
Daf	ela	-	botou	-	no meu quarto	-
Daf	eu	-	fui	-	devagarinho	-
-	-	-	dei	um sustão nela	quando ela tava tomando café	-

NARRATIVA nº 7

A	B	D'	C	D	E	F
Um dia	uma gurria	me	empurrou	-	de cima de uma valeta	-
e	eu	-	café	-	embaixo	-
e	-	-	abri	um talho na minha perna	-	-
-	-	-	dei	um sustão nela	-	-

NARRATIVA nº 8

A	B	D'	C	D	E	F
-	Eu	-	fui buscé	um livro com o meu amigo Fabiano	-	-
e	-	-	caí	-	na descida da lomba	-
Daí depois	o meu primo Fabiano	-	foi	-	na subida da lomba	-

NARRATIVA nº 9

A	B	D'	C	D	E	F
Um dia	eu	-	tava brincando	de pedra com um guri	-	-
Daí	ele	me	acertou	uma pedra comigo	na cabeça sempre	-
-	Isso	-	acontecia	-	-	-

NARRATIVA nº 10

A	B	D'	C	D	D''	E	F
Um dia	eu	-	tava jogando	botão com o meu irmão	-	-	-
Aí	nós	-	brigamo	-	-	-	ele tava roubando
Aí	ele	me	deu	um soco	-	aqui	-
e	a mãe	me	chamou	-	-	-	prá não brigá mais
Aí	eu	-	fiquei	de castigo	-	-	-
Aí	a mãe	-	disse	que ia sê os dois que iam entrá em castigo mais	-	-	-
Mas	ele	-	é	-	esperto	-	portanto ele não ficou

Analisando as 10 narrativas a partir dos esquemas das estruturas dos enunciados encontramos que houve franca predominância da estrutura 1 sobre as 2 e 3.

Apenas as narrativas de números 2, 4, 5 e 10 apresentaram, em algum momento, enunciados com estruturas de 2 e 3.

A narrativa nº 2 empregou em 4 proposições o item D (atributo) típico da estrutura 3: grande, cheio de pedra, molhado e tri-largo.

A narrativa nº 5 empregou 1 item D: fundo.

A narrativa nº 10 também empregou 1 item D: mais esperto.

A narrativa nº 4 apresentou a estrutura 2, com a presença de um item C' (apresentativo): era uma vez.

Outro detalhe que se evidenciou, desde o início, foi o apagamento do item D' (referente pessoal objeto), pelo fato do português atual do Brasil não compartilhar com o francês e o espanhol dessa característica lingüística.

Apenas as narrativas de números 3, 5, 6, 7 e 9 utilizam uma vez o item D' - me - e a de nº 10, emprega duas vezes o mesmo *me*.

Também em relação aos verbos houve alguma diferença, principalmente pelo uso de locuções verbais, nos textos das crianças brasileiras. A frequência dos verbos, segundo seu tempo, foi a seguinte:

Verbos no Pretérito Perfeito - 65%

Locuções verbais (equivalentes ao imperfeito) - 19%

Verbos no Pretérito Imperfeito - 13%

Verbos no Presente - 3%

Os verbos serviram para impedir algumas marcas características ao nível de superfície de texto.

O esqueleto narrativo básico foi garantido pelo pretérito perfeito e pelos conectores como: daí, aí, depois, etc.

A orientação foi feita através do pretérito imperfeito e do apresentativo: Era uma vez, um dia, depois, etc.

Os pontos de avaliação apareceram com verbos no presente porque foram emitidos no próprio momento da enunciação, por exemplo na narrativa nº 5.

O resumo de conclusão foi construído também com o presente, como pode ser observado na narrativa nº 10.

Outro ponto que não se pode deixar de registrar é a extensão das narrativas. Para avaliar esse aspecto, tomou-se como parâmetro o número de "orações narrativas", aquelas que Labov chama "orações independentes", contidas em cada narração. As narrativas analisadas apresentaram grande variabilidade quanto ao número de orações narrativas, variaram de 03 a 19 cláusulas. Por essa razão, algumas narrativas (mais precisamente as de nºs 7, 8 e 9) apresentaram extensão muito reduzida, enquanto outras podem ser consideradas bastante extensas (as de nºs 2 e 3).

Não foi identificado nenhum aspecto significativo que justificasse a extensão tão reduzida das três narrativas mencionadas anteriormente. Todas são narrativas factuais, produzidas por meninos, na faixa etária de 8a 6m a 8a 10m, e por isso a diferença tão forte entre elas não é fácil de explicar.

Supõe-se que, talvez, o fator de interferência tenha sido a ação do entrevistador. Nas 3 narrativas que apresentaram apenas 3 orações narrativas, o entrevistador mostrou-se bastante lacônico. Em vez de procurar motivar o informante com algum estímulo positivo, apenas solicitou: "Então conta prá mim uma coisa que tenha acontecido".

CONCLUSÃO

A afirmativa de Labov de que "as crianças são narradoras pobres" (Labov, 1982, apud Peterson & McCabe) não pode ser comprovada pela análise das narrativas que selecionamos. Pelo contrário, quando o narrador manteve uma conversação com as crianças, em vez de lançar uma frase inquisitiva e de poucas palavras, elas foram loquazes e narraram suas experiências de modo estruturalmente bem organizado.

O resultado da análise dos 5 itens que compõem a macroestrutura textual permite confirmar a hipótese inicial de que as crianças brasileiras, igual que as francesas e as americanas, já são capazes de, aos 8 anos de idade, ordenar adequadamente as proposições de suas narrativas.

Também no que se refere às microestruturas do texto, as diferenças verificadas ao comparar os nossos textos com o texto de crianças francesas não foram significativos.

Em relação aos aspectos de "avaliação" observou-se uma redução de elementos avaliativos nos textos brasileiros em comparação aos franceses.

Os tempos verbais empregados tiveram correspondência estreita com os utilizados nos textos franceses. Claro que foi preciso estabelecer a relação entre, por exemplo, *passé composé* com pretérito perfeito ou *imparfait* com o pretérito imperfeito.

De todo modo, foi possível concluir que as narrativas de nossas crianças também são "um modelo de regularidade sintática" e que podem ser enquadradas num dos três tipos de enunciados propostos por Bachmann.

Com este trabalho de análise realizado não se chegou a nenhuma nova e brilhante conclusão, porém em termos de exercício de análise e de pesquisa sobre o assunto, foi compensador. Foi possível examinar mais detalhadamente aspectos tão significativos da narrativa infantil, que por sua relevância devem interessar não só ao pesquisador, mas também, e principalmente, aos professores das primeiras séries de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. *La cohésion des séquences de propositions dans macro-structure narrative*. Langue Française, Paris, Larrousse (38):101-17, mai 1978. Tradução de Ignacio Antonio Neis. Curso em Lingüística e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1985.
- BACHMANN, C. *Analyse de Conversation*. Pratiques, nº 17, out 1977.
- GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. *A construção de narrativas orais por pré-escolares: Análise dos recursos coesivos empregados*. Letras Hoje Porto Alegre, PUCRS v. 24, n. 4, p. 63-78, dez 1989.
- PETERSON, Carole & McCabe, Alyssa. *Developmental psycholinguistics*. New York, Pelnum Press, 1983.
- PETITJEAN, André. *Du récital a la fable écrite: la narration en jeu*. Pratiques, nº 34, jul 1982.